

VARIAÇÃO LEXICAL NO *ATLAS LINGUÍSTICO DO PARANÁ*: MOTIVAÇÕES SEMÂNTICAS

Geisa Borges da Costa*

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Jacyra Andrade Mota

RESUMO

Este trabalho apresenta um estudo semântico-lexical que focaliza as designações atribuídas ao conceito rótula no Atlas Linguístico do Paraná. O *corpus* constitui-se a partir de uma carta semântico-lexical, concentrando-se na descrição e análise das variações encontradas para rótula. Sendo assim, tomar-se-ão para estudo, os dados documentados nas 65 localidades que constituem a rede de pontos do *Atlas Linguístico do Paraná*. Em cada ponto linguístico, foram entrevistados dois informantes, um homem e uma mulher, selecionados de acordo com os critérios da dialetologia tradicional. Para o desenvolvimento do trabalho, inicialmente fez-se um levantamento do número das variantes lexicais para a carta linguística rótula documentadas no atlas em destaque. Posteriormente, foram realizadas consultas em alguns dicionários de língua portuguesa, a fim de verificar a dicionarização de algumas unidades lexicais encontradas no atlas. Em seguida, foi realizada a análise quantitativa através de quadros e gráficos e qualitativa considerando-se a dimensão diatópica, léxico- semântica e diagenérica das designações utilizadas pelos informantes em referência à lexia rótula. Os resultados desse estudo demonstram a importância das pesquisas geolinguísticas para o conhecimento da norma lexical de um espaço geográfico, apresentando a alta produtividade de variantes para um mesmo conteúdo semântico.

Palavras-chave: Variação. Léxico. Atlas linguístico.

ABSTRACT

This job configures itself in a lexical-semantic study that focuses on the designations assigned to lexia kneecap Linguistic Atlas of Paraná. The corpus is constituted from a lexical-semantic Charter, focusing in the description and analysis of the variations found for kneecap. Therefore, take themselves to study, documented data in 65 locations that constitute the network of points of the Linguistic Atlas of the State of Paraná. In each linguistic point, two informants were interviewed, a man and a woman, selected according to the criteria of traditional Dialectology. For the development of the work, initially made a survey of the number of lexical language variants for the letter bearing featured atlas documented. Subsequently, consultations were undertaken in some Portuguese language dictionaries to verify the dicionarização of some lexical units found in the atlas. Then the quantitative analysis was carried out using tables and graphs and qualitative considering the lexical-semantic dimension diatópica, and diagenérica of the designations used by informants in reference to lexia kneecap. The results of this study demonstrate the importance of the research geolinguísticas to the knowledge of

*Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Língua e Cultura.
E-mail: geicosta@ig.com.br

the standard of a geographical space, with lexical showing the high productivity of variants for the same semantic content.

Key words: Variation. Lexicon. Linguistic Atlas.

1 INTRODUÇÃO

A possibilidade de diversas realizações para um mesmo contexto linguístico se dá em vários níveis da língua: morfosintático, pragmático-discursivo, fonético-fonológico, léxico-semântico. No que tange ao léxico, essa diversidade é facilmente constatada no português do Brasil, sendo bastante produtiva em todo território nacional.

O nível lexical da língua é considerado o retrato da cultura de um povo, refletindo aspectos vinculados às experiências sociais e culturais de uma comunidade, pois, ao escolher formas linguísticas para nomear os referentes do mundo físico e do universo simbólico, o indivíduo revela não somente a sua percepção da realidade, mas compartilha valores, práticas culturais e crenças do grupo social em que se enquadra. Sendo assim, o léxico é o nível da língua mais influenciado por fatores socioculturais. Segundo Biderman (2001, p.12):

[...] o léxico de uma língua natural pode ser identificado como o patrimônio vocabular de uma dada comunidade lingüística ao longo de sua história. Assim, para as línguas de civilização, esse patrimônio constitui um tesouro cultural abstrato, ou seja, uma herança de signos lexicais herdados e de uma série de modelos e categorias para gerar novas palavras.

O estudo do léxico pode, portanto, retratar o universo cultural da sociedade, já que, segundo Isquierdo (1997, p.575), “partindo-se do princípio de que o léxico funciona como testemunha da realidade que circunda um grupo sócio-linguístico-cultural, pode-se encontrar nesse nível da língua elementos reveladores de diferentes nuances da forma como tal grupo concebe essa realidade”.

Nesse sentido, os princípios da dialetologia são de extrema importância, pois partem do princípio de que o exame do fenômeno da linguagem pode apontar características socioculturais e linguísticas específicas de determinada região, permitindo um conhecimento mais acurado da identidade linguístico-cultural das

diversas regiões brasileiras, o que possibilita estabelecer semelhanças e/ou diferenças dialetais entre os estados brasileiros.

Este trabalho, pautando-se nos pressupostos teórico-metodológicos da Dialetoologia Pluridimensional Contemporânea, visa a fazer um levantamento e análise das variantes lexicais utilizadas pelos informantes do *Atlas Linguístico do Paraná* para designar o conceito rótula.

2 O DESENVOLVIMENTO DOS ESTUDOS DIALETAIS

No Brasil, os estudos dialetais começam a se desenvolver através de trabalhos que mostram algumas características do léxico utilizado pelos falantes do português do Brasil, tendo início em 1826 quando Domingos Borges de Barros, o Visconde de Pedra Branca, foi convidado pelo geógrafo Adrien Balbi para escrever um capítulo a ser publicado na *Introduction à l'Atlas ethnographique du globe*, revelando algumas diferenças do léxico do português europeu e do português do Brasil.

Ferreira e Cardoso (1994) agrupam o início dos estudos dialetais no Brasil em três fases, considerando, para isso, as três principais tendências de estudos preponderantes na época.

A primeira fase, que se estende de 1826 a 1920, consistiu basicamente na realização de estudos do léxico do português do Brasil, com a produção de um grande volume de trabalhos de caráter lexicográfico, como dicionários e estudos sobre o léxico regional, com o intento de levantar características linguísticas específicas de diferentes áreas brasileiras através das manifestações lexicais utilizadas pelos informantes.

A segunda fase, que se estende de 1920 a 1952, assinala os primeiros passos para o desenvolvimento da geografia linguística no Brasil e tem início com a publicação de *O dialeto caipira* de Amadeu Amaral. Em 1922, Antenor Nascentes publica *O linguajar carioca*, buscando situar o falar carioca no quadro daquilo que se entendia como o falar brasileiro e apresenta uma divisão dos falares brasileiros em dois grandes grupos: os falares do norte e os falares do sul. Ainda nesse período, Mário Marroquim publica *A língua do Nordeste*, em 1934, com o propósito de descrever aspectos da diversidade linguística em Alagoas e Pernambuco.

A terceira fase dos estudos dialetais no Brasil tem como marco a determinação do governo brasileiro, através do Decreto 30.643 de 20 de março de 1952, de que a finalidade principal da comissão de filologia da casa de Rui Barbosa deveria ser a

elaboração do atlas linguístico do Brasil. Além disso, marca também esse período o início sistemático dos estudos baseados na geografia linguística, através de trabalhos empreendidos por Antenor Nascentes, Serafim da Silva Neto, Celso Cunha e Nelson Rossi, com a produção de vários atlas regionais.

Mota e Cardoso propõem, em 2005, a inserção de uma quarta fase na evolução dos estudos dialetais, que se iniciaria a partir da implementação do Projeto Atlas Linguístico do Brasil, considerando-se a inovação metodológica empreendida pelo projeto ALiB, ao incorporar alguns princípios utilizados pela sociolinguística e configurar-se como um atlas linguístico pluridimensional.

2.1 A PRODUÇÃO DE ATLAS LINGUÍSTICOS NO BRASIL

Quando da publicação do *Guia para estudos dialetológicos* (1957), Serafim da Silva Neto defende a criação de uma mentalidade dialetológica e chama atenção para a necessidade e urgência em se estudarem os falares brasileiros, definido as tarefas consideradas urgentes para o avanço da dialetologia no Brasil. Dentre essas atividades elencadas por Silva Neto está a produção de atlas linguísticos regionais, proposta essa também defendida por outros dialetólogos de renome como Antenor Nascentes e Celso Cunha.

Em suas *Bases para a elaboração do atlas linguístico do Brasil*, em 1958, Antenor Nascentes elenca as vantagens de um atlas feito para todo o país, todavia reconhece a impossibilidade da realização de um projeto dessa dimensão, devido a alguns fatores como a amplitude do nosso território, ausência de pesquisadores preparados para tal fim, dificuldade de acesso às diferentes regiões do Brasil, dentre outros que impediriam a concretização dessa empreitada.

No *III Colóquio de Estudos Luso-brasileiros*, realizado em Lisboa, Celso Cunha, apesar do interesse no conhecimento da língua portuguesa que um atlas linguístico do Brasil poderia possibilitar, também reconheceu as enormes dificuldades para a elaboração de um atlas geral do Brasil e propôs que o trabalho começasse pela realização de atlas regionais.

Tal proposta foi aceita por Nelson Rossi e sua equipe, que publicaram, em 1963, o primeiro trabalho de natureza geolinguística no Brasil, o *Atlas Prévio dos Falares Baianos*. Tal fato assinalou o início sistemático dos estudos no campo da geografia

linguística brasileira, que, daí em diante, passou a produzir vários atlas regionais, já havendo, atualmente, no Brasil, uma vasta área geográfica descrita pelos atlas regionais publicados.

Dentre as várias recomendações de Nelson Rossi acerca da configuração dos estudos dialetais, Cardoso (2010) cita uma das mais importantes:

Convirá, porém, nunca esquecer que a dialetologia é essencialmente contextual: o fato apurado num ponto geográfico ou numa área geográfica só ganha luz, força e sentido documentais na medida em que se preste ao confronto com o fato correspondente – ainda que por ausência – em outro ponto ou outra área. (ROSSI 1967, p.104, *apud* Cardoso, 2010, p. 141)

Sendo assim, o ilustre dialetólogo expressa uma das principais tarefas da ciência da variação espacial: a intercomparação dos dados linguísticos presentes ou ausentes nos diferentes pontos geográficos, o que pode evidenciar características e peculiaridades de determinadas regiões, demonstrando a diversidade que a língua apresenta conforme a sua distribuição no espaço.

Ora, não se pode deixar de considerar uma outra recomendação feita por Rossi, a saber: a importância de se conciliar a produção de atlas de domínio nacional e outros de alcance regional, ou seja, a organização de um atlas linguístico de domínio nacional não deve excluir a produção de atlas voltados à descrição das manifestações linguísticas de determinadas regiões específicas.

De igual modo, Cardoso (2010, p.72) assim se expressa:

Importa salientar que a realização de atlas regionais para países que já dispõem de atlas nacional, e, vice-versa, a decisão de pensar-se em um atlas nacional para países que possuem atlas regionais não devem ser vistas como duplicidade de informação, redundância de dados, desvario científico ou desperdício de dinheiro. Um atlas nacional não poderá descer a minúcias, sob pena de ver reduzida a possibilidade de intercomparação de dados (...) e esse esquadrihar, que é importante e necessário para se ter um melhor dimensionamento da língua num espaço determinado, é facultado pelos atlas regionais.

Seguindo essa recomendação, convivem no Brasil a produção de atlas linguísticos de caráter regional, cujo interesse volta-se para a realidade linguística de determinadas localidades geográficas e um projeto de alcance nacional que visa à descrição das manifestações linguísticas presentes em todo território nacional.

Assim é que, sob a presidência de Suzana Cardoso e coordenação geral de Jacyra Mota, pesquisadoras da Universidade Federal da Bahia, encontra-se em

andamento o *Projeto Atlas Linguístico do Brasil* (ALiB), projeto interinstitucional coordenado por um comitê nacional, que pretende reunir informações dialetais de todo o território brasileiro, trabalho que poderá evidenciar as principais linhas dialetais que marcam o português do Brasil.

Estes estudos empreendidos através dos atlas linguísticos são de extrema importância para o conhecimento da realidade linguística brasileira, situando-a não apenas no nível diatópico como também no nível diagenérico, diageracional, diastrático, diafásico e dia-referencial.

2.2 O ATLAS LINGUÍSTICO DO PARANÁ EM DESTAQUE

O *Atlas Linguístico do Paraná* foi realizado como tese de doutorado da professora Vanderci de Andrade Aguilera, sendo o quinto atlas regional brasileiro, publicado em 1994. Os principais objetivos definidos por Aguilera na elaboração deste atlas foram: o registro cartográfico da variação lexical no dialeto rural do Paraná, a documentação cartográfica da distribuição espacial de diferentes realizações fonéticas, a busca de delimitações de zonas isoglóssicas de alguns vocábulos e sons e a organização de um glossário contendo os vocábulos que não faziam parte do vocabulário ativo dos falantes urbanos.

Os procedimentos metodológicos utilizados na elaboração do atlas basearam-se no Atlas Linguístico de São Paulo (ALESP). O questionário linguístico desses dois atlas englobou 325 questões que versavam sobre dois campos semânticos, terra e homem, havendo uma preocupação no ALP de que o inquiridor ajustasse o código linguístico utilizado ao do informante, a fim de que se pudesse apreender mais facilmente o saber linguístico dos indivíduos interrogados na pesquisa. Sendo assim, Aguilera (2004) aperfeiçoou a formulação das questões, fazendo algumas adaptações necessárias para o sucesso da entrevista, utilizando setenta questões para a elaboração das cartas lexicais e cinquenta e seis para as cartas fonéticas.

A seleção das localidades para a rede de pontos foi feita conforme a proposta de Nascentes para o Atlas Linguístico do Brasil, que estabelecia 24 localidades a serem pesquisadas no Paraná, entretanto algumas adaptações foram feitas por Aguilera, já que a proposta de Nascentes datava de 1958 e, desde então, surgiram muitas outras cidades no Paraná. Sendo assim, a autora ampliou a rede de pontos para 65 municípios, considerando alguns fatores etno-geo-linguísticos como a data de fundação da cidade,

contemplando pelo menos um ponto de cada uma das vinte e quatro microrregiões fisiográficas, buscando retratar a diversidade linguística do estado.

Para seleção dos informantes, adotaram-se os critérios da dialetologia tradicional: faixa etária entre 30 e 60 anos, analfabeto ou semi-alfabetizado, nascido na localidade sem dela ter se afastado por muito tempo, filhos de pais da mesma comunidade, inquirindo-se um homem e uma mulher de cada ponto linguístico.

Os critérios utilizados para a cartografia das variantes coletadas foram: elenco de variantes com distribuição espacial definida, formando zonas de isoglossas, conceitos com pelo menos duas variantes, vocabulário regional, arcaísmos, formas populares rurais, observando-se a variação diatópica nas cartas fonéticas a partir do registro das vogais, encontros vocálicos, consoante e grupos consonantais nos vários contextos fônicos.

3 METODOLOGIA

O presente trabalho configura-se em um estudo léxico-semântico de perspectiva onomasiológica e segue a metodologia da geografia linguística, a qual apresenta os dados linguísticos a serem analisados em cartas linguísticas que indicam a disposição no espaço geográfico das variedades linguísticas.

O *corpus* desse estudo constitui-se a partir de uma carta semântico-lexical do ALPR, concentrando-se na descrição e análise da questão que trata das variações encontradas para o conceito rótula. Sendo assim, tomar-se-ão para análise os dados documentados nas 65 localidades que constituem a rede de pontos do Atlas Linguístico do Paraná.

Em cada localidade, foram entrevistados dois informantes, um homem e uma mulher, selecionados de acordo com os critérios da dialetologia tradicional, ou seja, moradores e filhos de pessoas da localidade, sem nunca dela terem se afastado, com idade entre 30 a 60 anos, analfabeto ou semi-escolarizado, tendo vivido a maior parte de sua vida na localidade pesquisada (para que os informantes prioritariamente tivessem um círculo de amizades quase que integralmente com pessoas nascidas na localidade), serem ou terem sido agricultores, não terem viajado, e, para o homem, não ter feito o serviço militar.

Com vistas ao desenvolvimento do trabalho, inicialmente foi feito um levantamento do número das variantes lexicais para o conceito rótula documentadas no ALPR. Posteriormente, foram realizadas consultas em alguns dicionários de língua

portuguesa, a fim de verificar a dicionarização de algumas unidades lexicais encontradas nos atlas em foco. Em seguida, foi realizada a análise quantitativa através de quadros e gráficos e qualitativa considerando-se a dimensão diatópica, léxico-semântica e diagenérica das designações utilizadas pelos informantes em referência à rótula.

4 ANÁLISE DOS DADOS

Levando-se em consideração a dimensão quantitativa dos dados, inicialmente as designações levantadas para o conceito rótula, que constituem a base de dados do ALPR serão organizadas em termos percentuais, de acordo com a variação lexical apresentada pelo atlas.

Quadro 1 – Designação para a lexia rótula no ALPR

Variante	Número de respostas	Percentual de ocorrências
Pataca	55	47%
Patacão	38	32%
Tramela	9	7%
Bolacha	8	6%
Rótula	4	3%
Batata	3	2%

Os dados informados no quadro 1 refletem a preferência dos informantes do Paraná em termos de uso das variantes documentadas para a lexia rótula. Assim, com base nesses dados, pode-se perceber a distribuição das seis variantes, o que demonstra a dinamicidade do léxico, fenômeno responsável pelo uso de palavras já conhecidas para designar um novo referente, assim como pelo surgimento de novas palavras.

No *Atlas Linguístico do Paraná*, os informantes utilizaram alguns termos revestidos de um novo valor semântico para designar o osso do joelho. A resposta mais frequente representada na carta linguística 75 do questionário semântico-lexical foi

pataca com 47% das ocorrências, seguida de **patacão** que obteve um percentual de 32%. Além dessas lexias, foram registradas também as variantes **tramela** (7%), **bolacha** (6%), **rótula** (3%) e **batata** (2%).

A pesquisa no dicionário Houaiss revelou as seguintes acepções para o termo: Pataca (1598 cf. JSMarS) 1NUMS B moeda antiga de prata, que valia 320 réis 2 ECON meio através do qual são efetuadas transações monetárias em Macau e no Timor 2.1 p.ext. ECON a cédula e a moeda (divisíveis em cem unidades menores, denominadas avos) us. Nessas transações 3 fig. Qualquer soma em dinheiro; moeda corrente. ETIM orig. contrv.; do provençal patac (sXIV) ou do it. Pataca (sXVI), ambos tb de orig. duv; f.hist. 1598 patacas, sXVI pataca.

O *Novo dicionário Aurélio da Língua Portuguesa* também traz uma acepção bastante similar: Pataca S.f. 1. Bras. Moeda antiga de prata, do valor de 320 réis; 2. Quantia equivalente a essa moeda; 3. Antiga unidade monetária e moeda de Macau e Timor.

O termo **patacão** pode ser considerado como sinônimo de pataca e também é entrada lexical nesse dicionário, sendo registrado da seguinte forma: S.m. 1. Designação comum a várias antigas moedas portuguesas, brasileiras, espanholas e sul-americanas: “um filho ou uma filha, se ele o tivesse, era como receber um patacão de ouro.” (Machado de Assis, *Histórias sem data*, p.133); 2. Antiga moeda portuguesa, de cobre, no valor de 40 réis, que, com o tempo, passou a chamar-se patacão. 3. Bras. SP pop. Rótula do joelho.

Sendo assim, pode-se relacionar o uso do termo pataca/patacão para referir-se à rótula como um processo de metaforização popular em que se estabeleceu uma relação entre o formato redondo da moeda com a forma arredondada do joelho. Esse também parece ser o processo ocorrido com as lexias **bolacha** e **batata**. A lexia **rótula** foi utilizada quatro vezes, portanto em um número bastante inferior quando comparada a pataca/patacão.

Ferreira (1994) alerta para o fato de que esse processo metafórico já foi documentado há mais de vinte séculos no latim, quando os dicionários registram *patella* (prato pequeno que servia sacrifícios) para osso do joelho.

A autora também informa que quanto à lexia rótula, nenhum dos dicionários consultados registra-a para o conteúdo pequeno osso do joelho, mas somente para roda pequena, o que não exclui o fato de ter havido o mesmo processo metafórico para a forma rótula, já que os dicionários de línguas antigas são baseados na língua literária

escrita, o que indica a vinculação da forma rótula ao léxico latino utilizado pelas classes populares.

Nos dados do ALPR a forma rótula só aparece quatro vezes, o que indica a baixa frequência de uso dessa variante entre os informantes do Paraná. Apesar de o fator escolaridade não ter sido controlado, é possível afirmar, a partir desses dados, que a lexia rótula não faz parte do vocabulário cotidiano das pessoas de pouca escolaridade.

Portanto, assim como rótula e patela passaram por um processo de metaforização em que a forma de expressão prato pequeno/roda pequena passa a designar osso do joelho, pode-se afirmar também que bolacha e batata também fazem parte do mesmo processo linguístico em que se transfere o valor de uma determinada expressão para outro conteúdo.

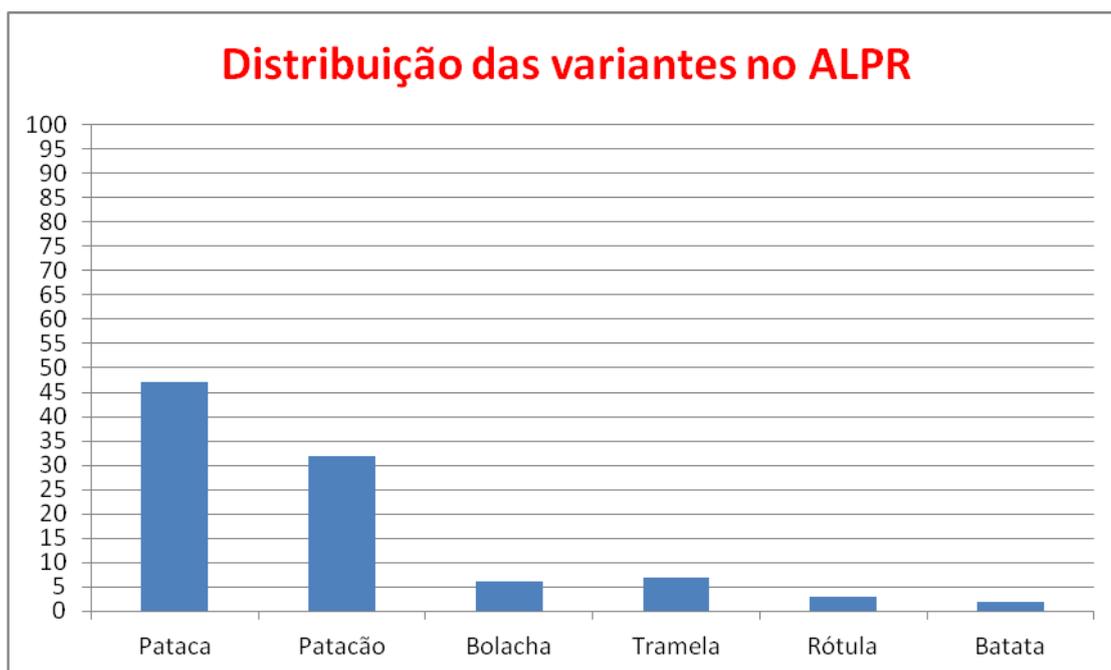
Caso interessante é o termo tramela que obteve nove ocorrências, todas como primeira resposta, o que indica que essa variante utilizada para designar o pequeno osso situado no joelho faz parte do vocabulário ativo do informante.

Em consulta ao dicionário de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira, tramela aparece com as seguintes acepções: 1. Peça de madeira que gira ao redor de um prego para fechar a porta, porteira, postigo, etc. 2. Peça de madeira que, batendo na mó do moinho, produz o atrito, fazendo cair o grão da tremonha. 4. Bras. N.E. Pop. Objeto que serve de estorvo à caminhada.

A expressão linguística tramela, mais conhecida no Nordeste conforme a primeira acepção descrita pelo dicionário Aurélio, ou seja, para designar uma peça de madeira comum de ser encontrada nas residências localizadas em áreas rurais, que, girando ao redor de um prego, possibilita a abertura ou o fechamento da porta apenas pela pessoa que está dentro de casa. Desse modo, a aproximação semântica entre **tramela** e **rótula** pode estar na ideia de movimentação que esses referentes denotam ou no próprio formato redondo que essa peça pode obter. Essa lexia foi utilizada nos pontos 3 (Primeiro de Maio), 4 (Bandeirantes), 14 (Querência do Norte) e 21 (Umuarama). Talvez a colonização dessas cidades possa explicar essas ocorrências, já que são localidades próximas, conforme se vê Figura 1, reprodução da carta 75 do ALPR, e que ficam nas extremidades do estado.

O gráfico a seguir evidencia a distribuição das variantes encontradas no Atlas Linguístico do Paraná, considerando-se o conjunto total de respostas fornecidas pelos informantes.

Gráfico 1 – Distribuição das variantes no ALPR



Como se pode observar, foram recolhidos no estado do Paraná seis designações para a pergunta do questionário semântico-lexical referente a rótula. Conforme mostra o gráfico, houve uma grande produtividade das formas linguísticas **pataca** e **patacão** que somam juntas o percentual de 79%, estando essas expressões distribuídas por todo estado paranaense.

Já a lexia **bolacha** ficou restrita a uma área bem específica do Paraná, particularmente a algumas cidades do noroeste, a saber: Querência do Norte (ponto 14), Paranavaí (ponto 8), Umuarama (ponto 21), Cruzeiro do Oeste (ponto 22), Peabiru (ponto 23), São Pedro do Ivaí (ponto 24), Campo Mourão (ponto 29). Nesta designação, entendida como mais uma forma metafórica que o falante utiliza através de um processo de associação semântica, percebe-se que o indivíduo, inclusive, tem consciência desse fato. Isso pode ser verificado quando o informante acrescenta o sintagma do joelho para as variantes **bolacha** e **batata**.

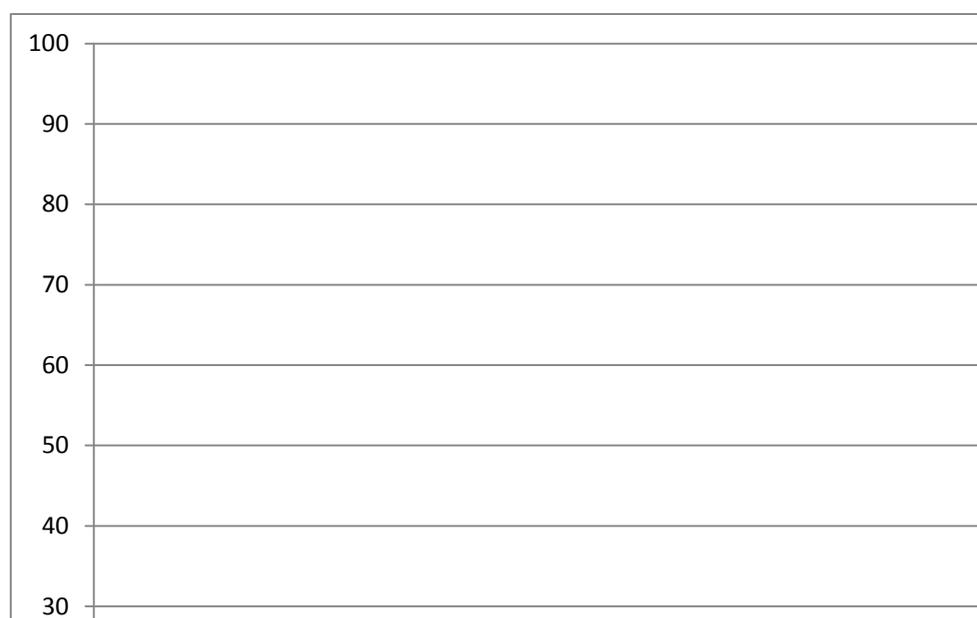
A designação **tramela** foi ouvida em seis pontos do estado: nos pontos 3 (Primeiro de maio), 4 (Bandeirantes) e 65 (Guaratuba), a forma linguística foi utilizada pelos dois informantes inquiridos, já nos pontos 14 (Querência do Norte), 21(Umuarama) e 49 (Dois Vizinhos), a expressão foi utilizada apenas por um dos informantes.

No que concerne a rótula, a variante foi utilizada nos pontos 5 (Cambará), 2 (Santo Inácio) e 27 (Guaíra), sendo que em Cambará e Guaíra, apenas os informantes do sexo masculino fizeram uso dessa expressão linguística.

Quanto à forma **batata**, a lexia apresentou-se nos pontos 22 (Cruzeiro do oeste), 25 (Ortigueira) e 54 (Curitiba), apenas uma vez em cada uma dessas cidades.

Com o propósito de observar a variação diagenérica, foi elaborado o gráfico abaixo, registrando-se a distribuição das variantes de acordo com o gênero do informante.

Gráfico 2 – Distribuição diagenérica das variantes no ALPR



De acordo com as informações do gráfico, não houve muita discrepância entre as preferências linguísticas apresentadas pelos homens e pelas mulheres no ALPR, percebendo-se apenas uma leve inclinação das mulheres para a forma **pataca**, enquanto que para a forma patacão, houve um pequeno aumento no uso dos homens, o que pode indicar uma tendência já apresentada em vários estudos de as mulheres utilizarem mais formas diminutivas, ao contrário dos homens que teriam uma resistência a essas expressões.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como objetivo mostrar a produtividade lexical registrada na carta linguística referente à rótula em um atlas regional do Brasil, o *Atlas Linguístico do Paraná*.

O campo léxico-semântico em destaque apresentou-se com uma gama de variações, registrando-se seis expressões linguísticas para o mesmo conceito, quais sejam: **pataca/patacão, bolacha, tramela, rótula e batata**.

Observou-se, nesse estudo, que a forma preferencial dos paranaenses para rótula é a expressão **pataca/patacão**, com um percentual 79% para essa forma linguística, utilizada para nomear o pequeno osso móvel curto e discoide situado no joelho na parte dianteira diante da articulação do fêmur com a tíbia.

Um fato que merece ser destacado é o processo de metaforização empregado nas expressões linguísticas utilizadas pelos informantes para designar o mesmo conceito, ou seja, apesar de muitas formas encontradas no ALPR como referentes de rótula, a solução encontrada pelos indivíduos foi a mesma que já se verificava no latim, com relação ao conteúdo osso pequeno do joelho, registrando-se *patella, ae* (prato pequeno) nos dicionários etimológicos e latinos e *rotula, ae* (roda pequena) no léxico popular latino.

As realizações documentadas para o termo rótula foram pouco significativas no atlas em destaque: houve apenas quatro ocorrências para um total de 119 respostas registradas na carta, o que pode ser explicado pela baixa escolaridade dos informantes que, provavelmente, não possuem essa forma linguística em seu vocabulário ativo, pelo fato de serem representantes do português popular do Brasil.

As pesquisas de cunho dialetal tem servido para demonstrar a riqueza e a pluralidade de normas linguísticas existentes no interior do português falado no Brasil, sendo de extrema importância para o conhecimento da multidimensionalidade que a língua portuguesa assume nos diversos espaços físicos e socioculturais.

REFERÊNCIAS

AGUILERA, Vanderci. *Atlas Linguístico do Paraná*. Curitiba: Imprensa Oficial do Estado, 1994.

AGUILERA, Vanderci. Atlas Linguístico do Paraná: gênese e princípios metodológicos. In: AGUILERA, Vanderci (Org.). *A geolinguística no Brasil: trilhas seguidas, caminhos a percorrer*. Londrina: Eduel, 2005, p. 138-176.

BIDERMAN, Maria Tereza. As ciências do léxico. In: OLIVEIRA, Ana Maria pinto Pires; ISQUERDO, Aparecida Negri. *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. (Orgs.). Campo Grande: EFMS, 2001, p. 13-22.

CARDOSO, Suzana. *Geolinguística: tradição e modernidade*. São Paulo: Parábola, 2010.

FERREIRA, Carlota. Polimorfismo e léxico (rótula em Sergipe). In: FERREIRA, Carlota (Org.). *Diversidade do português do Brasil: estudos de dialectologia rural e outros*. 2ª Ed. Salvador; Centro editorial da UFBA, 1994, p. 101-108.

FERREIRA, Carlota; CARDOSO, Suzana. *A dialetologia no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1994.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*. 3ªed. Curitiba: Positivo, 2004.

HOUAISS, Antonio; VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

ISQUERDO, Aparecida Negri Isquerdo. Manifestações de valores mágico-religiosos num léxico regional. In: *Estudos Linguísticos*. Anais do Seminário do GEL. Campinas, 1997, p. 575-580.